

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15693 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

RISO COMO GESTO MINÚSCULO

Jefferson Pereira de Almeida - IFRS - Instituto Federal Rio Grande do Sul

Sônia Regina da Luz Matos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

RISO COMO GESTO MINÚSCULO

RESUMO:

A comunicação tem origem na recente publicação de *[Risas] Fuera de contexto*, livro em que fragmentos de diferentes cursos ministrados por Gilles Deleuze são compilados e traduzidos. Embora possam ser conhecidos pelo público leitor, seu agrupamento representa novidade e interesse. Mobilizando outras referências teóricas, elaboramos uma montagem que permite experimentar o riso como gesto filosófico e pedagógico. Entre os encontros surge o elogio do minúsculo, a valorização da estranheza que, mesmo “rebaixada” às circunstâncias do mundo, emite somente palidez e fraqueza, e *apesar de tudo* entra em agenciamento para realizar a afirmação. Lançar-se à contingência, deixar-se afetar pela deriva desta imanência sonora, permitir-se ao encontro e às afecções deste gesto que é um acontecimento entre a filosofia e a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Educação. Riso. Gesto.

A recente publicação de *[Risas]Fuera de contexto*, em solo argentino, compilou e traduziu fragmentos de diferentes cursos ministrados por Gilles Deleuze (2023) na Universidade de Paris VIII, entre 1959 e 1987. Embora possam ser conhecidos pelo público leitor, seu agrupamento em torno do riso denota novidade e interesse. Engana-se, porém, quem acredita que o riso é o tema privilegiado dos excertos e das aulas. Não deixará de ser notado que o título da obra se encontra entre colchetes a fim de indicar o evento da risada entre o que se fala; ela é um elemento possível da ironia, do bom humor, da espontaneidade, do chiste filosófico. Quem sabe, índice de algo mais. Assim, na duração de um projeto de doutoramento em curso, provocados pela publicação da Editorial Cactus, apropriamos o riso e o arrastamos à educação para experimentá-lo como gesto filosófico e pedagógico. Outras referências são utilizadas para criar a ambiência conceitual, desde a micropolítica de Deleuze e Guattari (2019), combinando-a com a requisição da sobrevivência em Didi-Huberman (2011), assim como o gesto em Agamben (1996). Contudo, parte importante desse cenário não seria viável sem que Friedrich Nietzsche (2011) houvesse associado a alegria, o jogo e a

dança à peculiaridade filosófica de Zaratustra e de Dionísio. Dada a montagem que elaboramos, experimentamos o riso como gesto filosófico e o reivindicamos para a educação.

O riso pode ser abordado a partir de múltiplas perspectivas: indica algo cômico e divertido, é gracejo brincante ou produto da alegria desmedida, representa a descarga de tensões ou expressa a máxima leveza das circunstâncias, enfim, em todos os fenômenos o riso é o acontecimento oposto à seriedade. Não sem razão, alguém poderá considerar que também existiria uma articulação entre riso e maldade, que frequentemente a comicidade veicula zombaria, sarcasmo, escárnio, que não raras vezes ela incorpora algum senso de superioridade e a intenção de desprezo. Nietzsche (2011) não recusa tais acepções, resolve assumi-las em favor de um sentido muito específico. Caso a malícia esteja junto ao riso, contaminando-o, ela pode ser absolvida desde que implicada com o dizer *sim*. Desta forma, a experiência ética abandona as expectativas de pureza, lida diretamente com a complexidade de sua matéria e embaralha as cartas sem que tenhamos critério seguro para discernir absolutamente bem e mal. Doravante, o critério que salvaguarda o riso de qualquer devir-reativo é sua colocação entre a vida e a alegria: apesar dos perigos, das guerras e das derrotas, “*viver e rir alegremente*”, jogar e dançar (Nietzsche, 2001, p. 215). Insinua-se, portanto, a vontade de vida, a aproximação à poesia e à loucura faz com que o riso se implique na abundância. É *amor fati*, imposição da afirmação como traço incontornável da nova personalidade sobre-humana. Por intermédio da leveza típica de dança espontânea, a risada sacode a seriedade, serve de estímulo ao pensamento que deseja superar a moral e a metafísica que se fecha em suas categorias tradicionais.

Se o riso está próximo à dança, ou seja, fora do contexto filosófico, não seria despropositado sugerir sua posição junto ao gesto. Agamben (1996) diz que o gesto suspende a memória da série coreográfica, constitui-se como medialidade pura, emancipando-se de toda perspectiva teleológica. A virtualidade da dança não coreografada, sem planejamento nem intencionalidade, também constitui a plasticidade do gesto, como meio sem fim. Mesmo que a educação seja ruidosa, cheia de vozes, palavras, ainda que sua teoria seja verborrágica nas intenções e explicações, insistimos no relativo mutismo da gestualidade pura: no fora, algo de assignificante tem repercussões éticas e políticas.

Padecendo da fragilidade característica dos meios puros, tão facilmente instrumentalizados pelos dispositivos hegemônicos da sociedade capitalista, o gesto localiza a força de resistência precisamente na potência do minúsculo. Nietzsche (2011) soube lançar desconfianças sobre o grande acontecimento, voltando seu agir para o que haveria de miúdo, tornando-se bom vizinho das ocasiões mais próximas. Deste ambiente, integrados à história que enfeixa na miudeza forças, desvios e diferenças, por intermédio das experimentações moleculares de desterritorialização, Deleuze e Guattari (2019) dobram a aposta no microscópico ao postular o pequeno acontecimento que “estremece o equilíbrio do poder local” (2019, p. 34). Quando Didi-Huberman (2011) resiste ao diagnóstico niilista da eventual transformação do humano em autômato absolutamente rendido pelo totalitarismo mercantil, surge a oportunidade de formular a urgente recodificação em direção ao minúsculo do saber e

das práticas. Antes de entregar-se ao diagnóstico apocalíptico, catastrófico ou fatalista, de anunciar o inevitável fim ou a incontornável impossibilidade, tanto mais potente é imaginar a figura dos lampejos que, em prática de resistência agenciada, confrontam-se repetidamente com as grandes luzes.

Juntamos todos esses componentes para oferecer consistência ao conceito. Na publicação de Deleuze (2023), o riso é gesto, o meio que acompanha o comentário, a ironia ou o chiste, algo que acontece entre a espontaneidade dos encontros. Entre assuntos e problemas variados, o riso é o que quebra a costumeira circunspeção da atmosfera filosófica. Independentemente do objeto de interesse, o ensinamento nietzschiano é considerado: faz-se pensamento com dança, o rigor ganha a companhia da alegria. É certo que o leitor da história da filosofia, acostumado com a gravidade filosófica, em lendo os fragmentos, não será poupado de relativo desconforto. Entre amenidades e notas aparentemente desimportantes, não será improvável que ele denuncie o triunfo do senso comum. Todavia, como discípulo de Zaratustra, o que está em jogo é a produção da filosofia como máquina de guerra e sua criação de linhas de fuga.

Nas situações em que o grande acontecimento captura os desejos, em que a filosofia se atrela à interpretação e a pedagogia se torna refém do espetáculo ou da aprendizagem estrita, interpõe-se a resistência da minudência em franco movimento de desterritorialização. Face ao grande evento, qual é a importância do minúsculo gesto pedagógico que acontece fora de contexto? Transitar pela aposta editorial, recolher os risos de Deleuze entre os artefatos conceituais que tramamos, tudo permite o elogio do gesto minúsculo, a valorização da estranheza que, mesmo “rebaixada” às circunstâncias contingentes do mundo, emitindo somente palidez e fraqueza, *apesar de tudo*, entra em agenciamento para produzir qualquer coisa de afirmativo. Lançar-se à contingência, deixar-se afetar pela deriva desta imanência sonora, permitir-se ao encontro e às afecções deste gesto; com isso, o riso não exclui ou ridiculariza, antes, considera a tradição clássica da filosofia, sendo sua elaboração, digamos, sua própria transformação. Não há experimentação que despreze a herança, a micropolítica realiza-se *entre* a política molar. Desfazem-se as antíteses e os dualismos, desdobram-se os planos em que os devires promovem conexões fora de contexto, afastamentos, sobreposições, tensionamentos, ampliações de limite, linhas de fuga. Em algum momento, Deleuze e Guattari falaram em “escrever a n-1” (2019, p. 21); de modos outros, Rorty (2007) requereu a filosofia como redescritção; em ambas as situações, mesmo que de jeitos diferentes, no combate molecular que se processa entre a grandiloquência do solene momento do conceito, a filosofia contemporânea sabe localizar o acontecimento junto à multiplicidade típica do rizoma.

Envolvido com imagens, Didi-Huberman (2011) lança mão do cinema para apresentar duas cenas nas quais a resistência irrompe a despeito do pesadume das circunstâncias: antes que seja interrompida pela morte, de posse de uma grande flor, a efêmera e desinteressada dança do jovem rapaz pelas movimentadas ruas de Roma confronta o terror da guerra e do fascismo; em ambiente de provações mais contemporâneas, um vídeo documental mostra a vida de refugiados afegãos e iraquianos no norte da França, entre eles, o dilacerante contraste

de um menino que à noite dança alegremente com seu cobertor mesmo diante de ocasião tão adversa. Assim como os personagens do cinema, *apesar de tudo*, também ousamos experimentar o riso como gesto minúsculo em sua força filosófica, pedagógica e política.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Mezzi senza fine**: note sulla politica. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DELEUZE, Gilles. **[Risas]**: fuera de contexto. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2: volume 1. São Paulo: Editora 34, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.